

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

Permanence in the job: healthy old age or denial of aging?

Permanencia en el empleo: ¿vejez sana o negación del envejecimiento?

La permanence au poste de travail: La vieillesse saine ou le refus de vieillissement?

Jacqueline de Oliveira Moreira¹

Rosana Figueiredo Vieira²

Resumo

O presente texto apresenta os resultados da pesquisa “Aposentadoria e velhice bem-sucedida: estudo de caso com professores universitários”, financiada pelo CNPq e pelo FIP da PUC Minas, e aprovada pelo comitê de ética desta Instituição. O objetivo principal da pesquisa é desvelar os imaginários relativos à velhice, ao trabalho e à aposentadoria entre professores universitários com mais de 60 anos. O objeto deste texto é a relação entre a vivência de uma velhice saudável e a manutenção da atividade laboral após a aposentadoria. Entrevistamos seis professores: três mulheres e três homens. Concluímos que, por um lado, não podemos negar que manter os laços com o campo do trabalho é um índice de saúde para esses professores, mas, por outro, não sabemos se a manutenção do vínculo de trabalho expressa uma velhice bem-sucedida ou se representa uma rejeição do envelhecimento.

Palavras-chave: velhice; velhice bem-sucedida; aposentadoria; docência.

Abstract

This article presents the results of the research “Retirement and successful oldness: a case study with university professors”, financed by CNPq and by PUC Minas’ FIP and approved by this institution’s Ethics Committee. The main goal of this research is to unveil the imagery related to old age, to work, and to retirement among university professors over 60 years of age. The aim of this text is the relation between the experience of a health old age and the permanence in the job after retirement. We interviewed six professors: three women and three men. We concluded that, on the one hand, it cannot be denied that keeping the bond with the work field is an index of health for these professors, but, on the other hand, we do not know whether the maintenance of the working connection expresses a successful old age or a denial of aging.

Keywords: oldness; successful oldness; retirement; teaching.

¹ Doutora em Psicologia Clínica – PUC SP. Mestre em Filosofia – UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PUC Minas. Endereço para correspondência: Rua Congonhas, 161, São Pedro, Belo Horizonte, MG, CEP: 30.330-100. Endereço eletrônico: jackdrawin@yahoo.com.br

² Mestre em Psicologia Social – UFMG. Professora do Curso de Psicologia – PUC Minas / Betim. Endereço para correspondência: Rua Itororó, 584 / 301, Padre Eustáquio, Belo Horizonte, MG, CEP: 30.720-450. Endereço eletrônico: rosanafv2005@yahoo.com.br

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

Resumen

El presente texto presenta los resultados de la investigación “Aposentadoria e velhice bem-sucedida: estudo de caso com professores universitários”, financiada por CNPq y por el FIP de la PUC Minas y aprobada por el comité de ética de esta institución. El objetivo principal de la investigación es desvelar los imaginarios relativos a la vejez, al trabajo y a la jubilación entre profesores universitarios con más de 60 años. El objeto de este texto es la relación entre la vivencia de una vejez sana y el mantenimiento de la actividad laboral tras la jubilación. Entrevistamos seis profesores: tres mujeres y tres hombres. Concluimos que, por una parte, no podemos negar que mantener lazos con el campo de trabajo es un indicio de salud para esos profesores, pero, por otra, no sabemos si el mantenimiento del vínculo de trabajo expresa una vejez exitosa o si representa una recusa del envejecimiento.

Palabras-clave: vejez; vejez exitosa; jubilación; docencia.

Résumé

Ce texte présente les résultats de la recherche portant sur “La retraite et Le vieillissement bien réussi: étude de cas de professeurs universitaires”, financée par le Conseil National pour le Développement de la Science et de la Technologie (CNPq) et le Fonds d’Encouragement à la Recherche (FIP) de l’Université Pontificale Catholique de Minas (PUC Minas) et approuvée par le comité d’éthique de cette institution. L’objectif principal de la recherche est de rectifier les images relatives à la vieillesse, au travail et à la retraite au sein des professeurs universitaires de plus de 60 ans. L’objet de ce texte porte sur la relation entre l’expérience d’une vieillesse saine et le maintien du travail après la retraite. Nous avons eu un entretien avec six professeurs, dont trois femmes et trois hommes. Il en ressort que d’une part, on ne peut nier que maintenir les liens avec le domaine de travail est un facteur de santé pour ces professeurs, mais, d’autre part, on ignore si le maintien du travail assure une vieillesse bien réussie ou si cela représente un rejet du vieillissement.

Mots-clés: vieillesse; vieillesse bien réussie; retraite; enseignement.

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

O contexto sociodemográfico brasileiro atual revela um crescente aumento da população idosa. Nesse sentido, parece-nos urgente pensar a qualidade de vida desse grupo sem esquecer as características e dificuldades específicas. Parece-nos crucial investir em ideias e ações que promovam uma velhice bem-sucedida. Sabemos que é um desafio definir velhice bem-sucedida, mas pode-se estabelecer critérios para essa definição, sendo os mais aceitos os seguintes: primeiro, o critério objetivo de ausência de doenças; o segundo se refere à possibilidade de manter a autonomia e independência; em terceiro lugar, podemos pensar uma velhice saudável quando é possível controlar o quadro clínico do idoso; e, por último, podemos defender a ideia de uma definição psicológica para o envelhecimento saudável, ou seja, a posição subjetiva em relação à velhice, que permite que o idoso viva bem o processo de envelhecimento pela efetivação de recursos psíquicos que permitam enfrentar os desafios (Neri et al., 2004).

Segundo Mascaro (2004), a gerontologia apresenta duas teorias para pensar a velhice saudável: 1) a velhice saudável será garantida se o sujeito mantiver a atividade, a conexão com a vida; e 2) o bem-estar estará garantido se o sujeito conseguir realizar um desengajamento com a vida. Nota-se, portanto, que se trata de duas teses contraditórias que expressam os imaginários sobre o envelhecimento, mas é importante ressaltar que a segunda tese encontra muitos opositores porque apresenta uma concepção de velhice associada a declínio.

Não perdendo de vista esses critérios, mas buscando outra fonte de informação, investigamos, junto aos professores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com mais de 60 anos e que se mantêm em plena atividade docente, quais seriam os conceitos e imaginários sobre velhice, aposentadoria, trabalho e velhice bem-sucedida. Levantamos a hipótese de que a manutenção da atividade docente após os 60 anos representa uma possibilidade de viver uma velhice saudável, já que acreditamos que a manutenção da atividade profissional na terceira idade se apresenta como um recurso subjetivo que possibilita um envelhecimento saudável.

Assim, este texto apresenta os resultados parciais da etapa qualitativa da pesquisa intitulada “Aposentadoria e velhice bem-sucedida: estudo de caso com professores universitários da PUC Minas”, que obteve financiamento do CNPq e do Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas, tendo sido aprovada pelo comitê de ética dessa instituição de ensino. O estudo apresentou como objetivo geral desvelar os conceitos e imaginários dos professores universitários com mais de 60 anos em relação à

velhice, trabalho, aposentadoria e velhice bem-sucedida, mas neste texto, especificamente, interessa-nos trabalhar dois objetivos específicos da pesquisa, a saber: 1) buscar subsídios para compreender e definir velhice bem-sucedida; e 2) trabalhar as noções de velhice de integrantes de um grupo que é formador de opinião.

A metodologia de pesquisa que norteou nosso encontro com o campo foi o estudo de caso. Segundo Yin (1989), “é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (p. 23). A entrevista semidirigida foi nosso instrumento de coleta, tendo sido dividida em cinco seções: dados pessoais; percepções sobre o envelhecer; a relação com trabalho; imaginários sobre a aposentadoria e concepções sobre velhice bem-sucedida. Assim, perguntamos: como você define envelhecimento? Como você sente o envelhecimento? Qual a sua definição de trabalho? Em sua opinião, o que significa se aposentar? Você conhece o conceito de velhice bem-sucedida? Em sua opinião, seria possível criar dispositivos individuais ou sociais para viver bem o envelhecimento?

Assim, entrevistamos seis professores aposentados que continuam trabalhando e têm as seguintes idades: 61 (mulher), 67 (homem), 72 (homem), 79 (mulher), 80 (homem) e 88 (mulher). Do ponto de vista jurídico, eles já cumpriram suas obrigações produtivas com a sociedade. Levantamos a hipótese de que a manutenção do trabalho/emprego poderia estar associada à possibilidade de viver uma velhice saudável. O reduzido número de entrevistados se justifica por se tratar de pesquisa qualitativa e exploratória, que possibilitou maior aprofundamento na análise dos temas e, a partir dessa análise, produção de questionário, aplicado a público maior, cujos resultados foram objeto de outro artigo (Moreira & Silva, 2013).

Segundo França e Carneiro (2009), as decisões que se referem à aposentadoria se relacionam a três níveis da vida: o nível individual, familiar, emprego e carreira; o nível organizacional; e o nível ambiental. A partir dessas informações, podemos perguntar: a decisão de continuar trabalhando após os 60 anos é um possível indicador de uma velhice bem-sucedida? Qual é o papel da atividade profissional no sentimento de um envelhecimento saudável?

França e Vaughan (2008) afirmam que existe enorme potencial e desejo dos trabalhadores mais velhos de se manterem como membros ativos da sociedade. Esse desejo se associa à ideia de velhice bem-sucedida por meio do movimento de ativação

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

constante dos recursos psíquicos no enfrentamento de desafios?

Na tentativa de definir velhice bem-sucedida, parece-nos interessante buscar os imaginários sobre o envelhecimento e as definições de qualidade de vida. Sabemos que as práticas discursivas criam subjetividades e modos de subjetivação. A crescente possibilidade de viver a velhice cria um novo contexto e traz uma valorização maior de uma nova modalidade de subjetividade: o ser idoso. Entretanto, a construção dessa identidade ainda está em processo, porque, como afirmam Rodrigues, Ayabe, Lunardelli e Canêo (2005), o idoso ainda sente sua identidade, como pessoa e como ser social, ameaçada pelo envelhecimento.

França e Soares (2009) afirmam que, “para alguns trabalhadores, o trabalho está intimamente relacionado à sua identidade” (p. 741). Assim, podemos pensar em uma dupla perda de identidade quando da aposentadoria: perde-se a identidade pessoal e social em razão do envelhecimento e, ainda, a identidade oferecida pelo trabalho. A aposentadoria seria, portanto, uma nova perda que se acrescenta às próprias perdas pessoais e sociais do envelhecimento. Bruns e Abreu (1997), no estudo “O envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria”, afirmam que a própria sociedade define um “tempo útil”, “um limite” na vida das pessoas, e, assim, envelhecer pode significar tornar-se descartável. Nessa mesma perspectiva, Santos (1990) discute a questão da morte social associada à velhice.

Contudo, essa pesquisa de Santos data de, aproximadamente, 20 anos atrás. A velhice e a aposentadoria ainda são vistas como morte? Não podemos negar que a velhice deixou de ser um destino para ser considerada como uma categoria social (Bosi, 1994). Nesse sentido, Rodrigues et al. (2005) afirmam que

o aposentado deverá reconstruir sua identidade pessoal através da interiorização de novos papéis e da busca de novos objetivos de vida, num processo de redefinição de sua vida, ao mesmo tempo em que deverá assumir essa nova fase, repensando o estigma de ser inativo nessa sociedade e estabelecendo novos pontos de referência. (p. 55)

Assim, um tema decisivo para pensar o envelhecimento saudável é a qualidade de vida na terceira idade. França e Carneiro (2009) apresentam cinco aspectos definidores da condição de bem-estar: o primeiro é o aspecto financeiro; em segundo lugar, aparecem os relacionamentos sociais (amizade e sistema de apoio social); em terceiro, está a

intimidade (relacionamento próximo e íntimo com pessoas que se preocupem umas com as outras); em quarto lugar, está o aspecto físico (dieta e exercício); e, em quinto, um senso de propósito (p. 432). Rodrigues et al. (2005), citando os estudos de Ballesteros (1996) sobre qualidade de vida, revelam que esta se relaciona com a maneira como o sujeito é influenciado e como influencia seu ambiente. Assim, “uma vida com qualidade é determinada pelo equilíbrio entre condições objetivas (renda, emprego, objetos possuídos, qualidade da habitação etc.) e condições subjetivas (segurança, privacidade, reconhecimento, afeto etc.)” (Rodrigues et al., 2005, p. 57). A qualidade de vida envolve bem-estar social, saúde física e satisfação no domínio psicológico, ou seja, “a maneira pela qual o indivíduo interage com o meio externo, através da sua individualidade e subjetividade” (p. 57).

Mas como manter uma qualidade de vida na velhice? Quais são os elementos fundamentais? Cupertino, Rosa e Ribeiro (2007) revelam que Rowe e Kahn (1998) priorizam no envelhecimento saudável três fatores: o baixo risco de doenças e de incapacidades funcionais; o excelente funcionamento mental e físico; e o envolvimento ativo com a vida. Podemos argumentar, assim, que, possivelmente, a manutenção da atividade profissional corresponde ao elemento “envolvimento ativo com a vida”. É possível questionar essa expressão, argumentando que ela reproduz a ideologia capitalista da atividade constante e incessante e que desconsidera os limites e os desejos de cada um. No entanto, não é nosso propósito desconstruir elementos consagrados como definidores de uma velhice saudável, mas escutar os sujeitos da pesquisa e localizar as definições de velhice bem-sucedida de cada um deles.

Cupertino et al. (2007) buscaram com uma amostra de 501 idosos com idade entre 60 e 93 anos as categorias que eles associam com a ideia de envelhecimento saudável. As autoras apresentam 30 categorias, a saber: saúde física; saúde social; saúde emocional; alimentação, exercícios; evitar fatores de risco; atividades gerais; aceitação dessa fase; ter fé, espiritualidade; atividade operacional; saúde cognitiva; estrutura familiar; estabilidade financeira; não ter problemas; fazer o bem; viver plenamente; ter espírito jovem; ter novas habilidades; não guardar mágoas; aprender coisas novas; integridade; não existe envelhecimento; não sabe definir; pouca ambição; influência dos pais; manter o controle; beleza física; envelhecimento patológico; ter trabalho; atividade específica; dentre outras. Na presente pesquisa, no entanto, optamos por fazer perguntas semiestruturadas sobre o tema da velhice bem-sucedida.

Resultados e discussão

Parece-nos importante abrir a discussão anunciando que quatro dos professores entrevistados têm uma visão negativa do envelhecimento, pois o associam com perda, doença, incapacidade e limitação, e os outros dois têm uma visão formal: o envelhecimento é natural e se refere a um problema etário. No que se refere à aposentadoria, encontramos um mecanismo interessante de dissociação do trabalho. A aposentadoria só seria negativa se significasse o encerramento do vínculo de trabalho, mas, como é pensada como um benefício compatível com a manutenção do vínculo empregatício, perde seu aspecto de negatividade. É importante salientar que todos os entrevistados desconhecem o conceito de velhice bem-sucedida, mas todos tentam se apropriar da expressão e lhe oferecer alguma forma.

Com o objetivo de detalhar a posição de cada entrevistado sobre velhice bem-sucedida, iremos transcrever e comentar as respostas de cada um. P1 (Sra. de 61 anos) afirma não poder reconhecer a ideia de velhice bem-sucedida porque acha uma contradição a expressão. Para P1, toda velhice é perda, portanto não pode ser expressão de sucesso e afirmar que uma velhice bem-sucedida significaria garantir que é possível uma velhice sem perdas: “*meu ideal de velhice é uma velhice que tenha saúde boa, uma velhice que não tenha perdas*” (P1, Sra. de 61 anos).

Associar a ideia de uma velhice ideal à ausência de perdas é negar uma característica inerente ao processo de envelhecimento. Assim, entendemos que P1 ainda não considera a possibilidade de uma velhice saudável.

Eu não sei não, eu não sei o que é uma velhice bem-sucedida porque toda vez que eu penso em velhice eu penso que ela vai acarretar perdas e em direção à morte; não é fácil se pensar nisso não, gente. (P1, Sra. de 61 anos)

Dessa forma, P1 não cita a manutenção da atividade profissional como uma das estratégias para viver uma velhice saudável. O tema priorizado para uma velhice bem-sucedida é a saúde própria e a saúde psíquica, física e financeira da família. Mas, por outro lado, não podemos negar que o trabalho aparece como uma defesa contra a solidão, uma possibilidade de convívio social e, por fim, mantém o sentimento de vida.

...porque ele [trabalho], além de ter essa questão de manter a nossa existência, ele tem também o papel de manter o convívio social, né, de manter a gente ligada na realidade, no cotidiano, né, nas relações com as outras pessoas; ele tem uma função integradora, né. Eu gosto de trabalhar, eu gosto, me sinto viva vindo aqui. (P1, Sra. de 61 anos)

O segundo entrevistado associa o fim do contrato de trabalho à velhice: “*Eu, por exemplo, pra mim, no dia que eu não puder mais trabalhar, eu vou ficar muito chateado e aí eu vou me sentir velho*” (P2, Sr. de 73 anos).

E considera o fato de continuar trabalhando uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento, confirmando a teoria do *life-span* de Baltes e (1970).

A vida é um aprendizado constante, então se eu continuo trabalhando, eu vou pegando novas informações. Se eu tivesse encostado no dia em que eu aposentei, talvez nem computador eu ligasse mais, porque já tá fora, né!? Eu terminei antes. Quando o computador nasceu eu já tava aposentado ...eu entendo que se você continua trabalhando, você continua progredindo, aprendendo. (P2, Sr. de 73 anos)

Quando perguntamos se a manutenção da atividade profissional possibilita a vivência da velhice saudável, P2 responde afirmativamente, mas acrescenta que a velhice saudável reatualiza uma experiência de juventude:

Sim. Se você tá aprendendo, se ganha conhecimento, se você ganha experiência, a sua velhice é muito saudável. Eu diria que isso nem é velhice, isso é juventude. Não existe velhice saudável, ou é velho ou é novo, ou é velho ou é jovem, então eu sou jovem. (P2, Sr. de 73 anos)

O terceiro entrevistado (P3, Sra. de 88 anos) também considera de grande importância a atividade para a manutenção da saúde na velhice.

Porque se você está inativo, pra mim você não é uma pessoa saudável, de cabeça. Você pode ser saudável do resto, pode tá linda, agora, de cabeça, você não está bem. (P3, Sra. de 88 anos)

Numa perspectiva similar, o entrevistado P4 (Sr. de 80 anos) vincula o sentimento de inutilidade com

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

o fim da vida. Assim, sem dúvida, a manutenção da atividade profissional possibilita vivência da velhice saudável.

“Ah, porque do contrário a pessoa se sente inútil, sem espaço, né, nas empresas e na sociedade. Quer dizer... é o princípio do fim... acho eu” (P4, Sr. de 80 anos).

É interessante observar que apenas o quinto entrevistado (Sr. de 67 anos) amplia a ideia de atividade como fonte de saúde. Os outros condicionam atividade ao vínculo empregatício.

“Eu acho importante qualquer tipo de atividade mesmo que não remunerada pra você se manter ativo” (P5, Sr. de 67 anos).

A última entrevistada (P6, Sra. de 63 anos) anuncia um elemento novo na vinculação entre velhice saudável e trabalho. Para ela, a situação social do trabalho convoca o sujeito ao cuidado de si.

“Quando você está trabalhando, tem que ser mais vaidosa. Não tenho a menor dúvida que isso contribui para a vida saudável” (P6, Sra. de 63 anos).

Assim, nota-se que todos os professores entrevistados associam a possibilidade de uma velhice saudável com a manutenção da atividade profissional.

Considerações Finais

A relação entre a manutenção da atividade profissional e a possibilidade de viver uma velhice saudável é paradoxal. Por um lado, não podemos negar que manter os laços com o campo do trabalho é um índice de saúde para esses professores universitários; por outro, a decisão de não encerrar o vínculo empregatício revela os imaginários negativos em relação ao envelhecimento e à aposentadoria. Cinco dos seis professores entrevistados não veem a aposentadoria como uma possibilidade de viver bem a velhice, levando-nos a concluir que só uma grave limitação ou a morte pode se constituir em um limite para o trabalho. Uma professora de 63 anos produz uma separação entre aposentadoria, velhice e trabalho, não devendo a aposentadoria ser entendida como o fim das atividades profissionais.

Igual eu já falei, se aposentadoria for parar de trabalhar, pra mim não seria bom. Então eu acho que se eu tivesse que parar de trabalhar eu não seria feliz isso é negativo. (P6, Sra. de 63 anos)

E a velhice é quando

“não consegue realizar aquilo que quer” (P6, Sra. de 63 anos).

Apenas o professor de 67 anos pensa na manutenção da saúde depois da aposentadoria via engajamento em alguma atividade, ainda que não remunerada.

Assim, não sabemos se a manutenção do vínculo de trabalho expressa uma velhice bem-sucedida ou se representa uma rejeição ao envelhecimento na perspectiva de que resistir à aposentadoria representaria a ilusão de que estariam prolongando a vida e impedindo a chegada do fim. Se parar de trabalhar representa o “início do fim”, como afirmou um professor, então manter-se trabalhando impediria a chegada desse fim. Resistir à aposentadoria seria uma forma de resistir ao envelhecimento, como se fosse possível barrar a passagem do tempo. O trabalho, então, mais do que enobrecer, teria o poder de rejuvenescer!

Não pretendemos, com isso, fazer apologia à ideia de “melhor idade”, ou a de que há uma fórmula mágica, em que o trabalho teria o *status* de elixir da juventude. A presença dessa atitude de colocação do trabalho como um mecanismo de defesa contra a velhice – presente nas respostas dos professores – nos permite afirmar que ainda estamos muito distantes do dia em que a velhice estará livre do estigma de estar mais próxima da morte. Dessa forma, podemos reconhecer que a manutenção do trabalho – mesmo que dando a ele um significado positivo de sentido da vida –, mais que garantir saúde emocional, convívio social e satisfação pessoal, afasta, mesmo que ilusoriamente, o sujeito da morte.

Podemos concluir que a possibilidade de exercer uma atividade é decisiva para a vivência de uma velhice saudável. Mas manter o vínculo profissional não é, necessariamente, um índice de saúde, ainda que auxilie na preservação da mesma. Todos os entrevistados concordam com a ideia de que a manutenção da atividade profissional possibilita a vivência de uma velhice saudável, mas não estabelecem nenhuma crítica sobre o lugar do trabalho na identidade pessoal no mundo contemporâneo. Apenas um entrevistado revela que a manutenção de alguma atividade, não necessariamente o vínculo empregatício, garante uma velhice saudável.

Não podemos negar que continuar exercendo uma atividade profissional, que oferece reconhecimento, possibilita a vivência de uma boa velhice, mas, parece-nos, que essa forte adesão ao trabalho como uma forma privilegiada de construção da identidade limita o encontro com outras formas de viver bem o envelhecimento.

Moreira, J. de O.; & Vieira, R. F. Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?

Referências

- Baltes, P. B. & Goulet, L. R. (1970). Status and issues on life-span developmental psychology. In P. B. Baltes & L. R. Goulet (Orgs.), *Life-span developmental psychology: research and theory* (pp. 4-21). Nova York: Academic Press.
- Ballesteros, R. F. et al. (1996). *Evaluación de programas: Una guía práctica en ámbitos sociales, educativos y de salud*. Madrid, Rocio Fernández-Ballesteros.
- Bosi, E. (1994). *Memórias e sociedade: lembranças de velhos* (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bruns, M. A. T. & Abreu, A. S. (1997). O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. *Revista da Associação Brasileira de Orientação Profissional*, 1(1), 5-33.
- Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicol. Reflex. Crit.*, 20(1), 81-86. Recuperado em 20 abril, 2011, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000100011&lng=en&nrm=iso
- França, L. H. F. P. & Carneiro, V. L. (2009). Programas de preparação para a aposentadoria: Um estudo com trabalhadores mais velhos em Resende (RJ). *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 12(3), 429-447. Recuperado em 3 março, 2011, de http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232009000300010&lng=pt&nrm=iso
- França, L. H. F. P. & Soares, D. H. P. (2009). Preparación para la jubilación como parte de la educación a lo largo de la vida. *Psicol. cienc. prof.*, 29(4), 738-775. Recuperado em 30 julho, 2012, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400007&lng=pt&nrm=iso
- França, L. H. F. P. & Vaughan, G. (2008). Ganhos e perdas: Atitudes dos executivos brasileiros e neozelandeses frente à aposentadoria. *Psicol. estud.*, 13(2), 207-216. Recuperado em 20 abril, 2011, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200002&lng=pt&nrm=iso
- Mascaro, S. A. (2004). *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense.
- Moreira, J. O. & Silva, J. M. (2013). A imagem corporal e o envelhecimento na perspectiva de professores de uma universidade brasileira. *Revista Salud & Sociedad*, 4, 136-144, 2013. Recuperado em 13 de março, 2014, de www.saludysociedad.cl/index.php/main/article/download/134/149
- Neri, A. L. et al. (Orgs.). (2004). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas: Papyrus.
- Rodrigues, M., Ayabe, N. H., Lunardelli, M. C. F., & Caneo, L. C. (2005). A preparação para a aposentadoria: O papel do psicólogo frente a essa questão. *Rev. bras. orientaç. prof.*, 6(1), 53-62. Recuperado em 20 abril, 2011, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100006&lng=pt&nrm=iso
- Rowe, J. W. & Kahn, R. L. (1998). *Successful aging*. New York: Pantheon Books.
- Yin, R. K. (1989). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Inc.

Recebido: 30/05/2013
Reformulado: 13/03/2014
Aprovado: 28/04/2014